

Sobre o significado clínico da experiência estética: a beleza poderia ajudar?

Cleuza Mara Lourenço Perrini^[1]

RESUMO: A autora propõe que a experiência estética inicialmente vivida pelos sentidos como “sublime” no encontro com a mãe ambiente, quando internalizada, “não é resultado de crescimento psíquico, mesmo que possa ser uma de suas pré-condições” (Likierman, 1989/1994, p. 280). No entanto, essa experiência promove, se possível, (re)encontros no decorrer da vida, podendo ocasionar a digestão mental de angústias vividas e não contidas. Do ponto de vista psicanalítico, é nessa largada da vida que inicialmente ela é apreendida pelo sensorial, que contém em si a dimensão psíquica dessa experiência estética como matéria-prima da mente – “alma dos pensamentos”.

PALAVRAS-CHAVE: experiência estética, alma dos pensamentos, matéria-prima da mente

1. Psicanalista. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro fundador, docente e efetivo com função didática do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– *Me ajuda a olhar!*

(Galeano, 1989/2021, p. 15)

Começo parafraseando Likierman (1989/1994) ao utilizar o mesmo título de seu trabalho, publicado inicialmente no *International Journal of Psychoanalysis* em 1989, com um acréscimo: “a beleza poderia ajudar?” Likierman considera a estética como experiência primária, presente desde o nascimento, originalmente com a mãe, vivida pelo bebê como algo essencialmente bom. Esclarece ainda que o bebê “não pode saber o que é bom” (p. 294), mas pode ter uma experiência direta dos seus sentidos inundados por prazer ilimitado e registrar isso mentalmente de modo puramente estético como “bom” – sublime. E, assim internalizado, promove (re)encontros, quando possível, no decorrer da vida, na busca de, mais do que saciar a “fome”, estabelecer relações de objeto. Essa autora considera ainda que a experiência estética não surge como “resultado de crescimento psíquico, mesmo que possa ser uma de suas pré-condições” (p. 280), pois mesmo antes que o indivíduo comece a reconhecer a experiência, ele já está sujeito a ela. Só depois, na integração depressiva, é que o bebê transfere a experiência estética inicial para a percepção de mundo total bom/mau, em exercício mais amplo. Essa experiência estética é vista por Likierman “como uma capacidade fundamental humana presente em todos com variações individuais e culturais em sua natureza fenomenológica” (p. 294), precursora primitiva de todas as nossas vivências posteriores de beleza e, também, da posterior criatividade artística. Do ponto de vista psicanalítico, é nessa largada da vida em que inicialmente ela é apreendida pelo sensorial, que contém em si a dimensão psíquica dessa experiência estética como matéria-prima da mente.

Ogden caminha nesse viés com base na descrição feita por Poe que aponta na direção de que há certos tipos de “pensamentos não pensados que são as almas dos pensamentos” (Poe citado por Ogden, 2020, p. 38), e essa frase captura a essência paradoxal do conceito de Bion de que as “impressões sensoriais cruas” são impressões ainda não processadas da experiência emocional. Essas impressões, não vinculadas ao processo do pensamento, são dados sensoriais brutos (experiência estética) a serem organizados; são a única conexão direta com a nossa experiência vivida e, como tal, núcleo vivo – a “alma” – de cada pensamento e sentimento ao longo da vida.

Igualmente, Bollas afirma que o “momento estético” constitui parte do conhecimento ainda não pensado, que vem muitas vezes na forma de associações estéticas, vividas inicialmente por meio de idioma próprio da maternagem, que Heimann (citada por Bollas, 1987/2015) sustenta como uma “estética do ser” que se torna

característica do *self* do bebê. No “momento estético”, um indivíduo vivencia uma profunda concordância subjetiva com um objeto (por exemplo: uma música, poema, imagem, paisagem etc.) em unísono e é remetido a um estado que prevaleceu na vida psíquica precoce. É como algo “lembrado”, nunca apreendido cognitivamente, “mas conhecido existencialmente e que é mais a memória do processo ontogênético do que os pensamentos ou as fantasias que ocorrem depois de estabelecido o *self*” (p. 79).

Aproximo esse olhar de Bollas ao de Likierman, que concebe esse momento como “sublime” por descrever uma experiência supremamente boa, diferente de ideal. Essa presença é guardada em resposta à bondade como o fator estético mais primitivo da vida do indivíduo, em que o bom é vivido como sublime.

O momento estético na clínica

A face carrancuda e fechada de Pietro, presente e assídua nos três primeiros anos de análise, comum em sua vida e em suas relações, me convidaram a enxergá-lo como se ele tivesse uma “segunda pele” protetora e defensiva. Isso foi corroborado pelos relatos de alguns relacionamentos intensos, adesivos e, posteriormente, descartados, como se sentiu na época em que a própria mãe “o abandonou”. Essa formação se reporta a uma origem precoce de um período pré-verbal que fica muito fundo no inconsciente, não analisável na transferência, como considera Esther Bick (1986). A autora sugere que isso é possível apenas quando o paciente se sente acolhido por uma boa continência na transferência, favorecedora de que o material reflita os conflitos de separação de forma que possam ser investigados.

Pietro descrevia sentir, muitas vezes, cheiro de esgoto, de ralo, ali mesmo na sala comigo e, em uma ocasião, falou-me do filme *O cheiro do ralo*,^[2] em que o personagem quebrava tudo para localizar onde estava o rachado, o vazamento. E ele me disse: “o cheiro do esgoto está em mim”. Tocada por essa revelação, disse-lhe o quanto ele me passava que se sentia “uma merda”, quando completou dizendo dolorosamente: “na verdade me sinto mau... descarto as pessoas!”.

Frances Tustin (1981/1984) escreve que crianças separadas corporal e prematuramente da mãe experimentam esse fato tal qual a perda de uma parte de seu corpo. Ao contrário de se sentirem abençoadas pela vida, se sentem desgraçadas e, em vez de diferenciação e integração equilibrada, a desintegração explosiva ou a não integração é o que impera. Pietro sente o cheiro de fezes e de esgoto no próprio corpo e, em vez de sentir suas “fezes” como “seu” produto, ele sente como se fossem suas partes perdidas que exalam, se perdem e infestam o ar. Sempre muito exigente com os outros, mas com muitas faltas alegadas por “motivos de viagens”, esse padrão de funcionamento sugere um “transbordamento” (Tustin, 1981/1984), um afastamento vivido em “viagens em pensamento” que culmina em frustração e isolamento.

2. Filme brasileiro de 2007, dirigido por Heitor Dhalia.

Pele nova: viver na própria pele

Em uma sessão em que podia sentir que estávamos mais próximos, eu lhe disse que ele estava mais em con-tato consigo mesmo. Emocionado, diz que isso o fazia lembrar da Capela Sistina, onde Michelangelo havia pintado uma pele toda fora do corpo, pendurada em “carne viva”. Falo que ele estava abrindo possibilidades de entrar em contato, ali junto comigo, com seu mundo íntimo “vivo e doído”, para poder ter e vestir – como proteção – a sua própria pele.

A expressão estética amplia e sintetiza a transformação desses significados, e a psicanálise expressa a sua transformação metapsicológica.

No cenário meta-psico-lógico, as contradições existem para serem sofridas e não para serem desfeitas: só mergulhando na dor psíquica é que encontraremos a bússola que nos norteará na apreensão da configuração emocional presente. (Junqueira Filho, 2014, p. 27)

Junqueira Filho (2014) destaca a “meta-psico-logia” como o coração da psicanálise, que só pode “ser apreendida mediante uma abordagem polivalente que Bion denominou de ‘interpretação-construção’” (p. 26). Atribui à “meta-psico-logia” um “conjunto dos esforços econômicos empreendidos pelo psiquismo para representar a experiência emocional através de uma artimanha estética, causadora de espanto e/ou admiração” (p. 22). Temos assim uma conjunção entre estética e psicanálise (economia psíquica), na extração de percepções condensadas, que possibilita o encontro em uníssono com nós mesmos.

Impressionada pelas associações de Pietro, fui em busca do afresco de Michelangelo. O que encontrei me causou profundas reflexões. A obra mencionada por Pietro, chamada “O Juízo Final”, é considerada uma restauração – mais que um julgamento – que Deus faz dos feitos humanos no final dos tempos. Os santos martirizados aparecem íntegros e com o flagelo em suas mãos. São Bartolomeu é quem está na parte mencionada por Pietro. Ele foi escalpelado e aparece, logo à frente de Deus, com toda a sua pele acumulada nas mãos (Figura 1). É interessante que Michelangelo, não afeito a assinar suas obras, tenha posto sua face no meio dessa pele, segurada pelas mãos do santo. Alguns estudiosos de arte sugerem que esta foi a sua assinatura!

Pietro nos sugere que a sua segunda pele, mal-humorada, que vestiu por tanto tempo, fruto de sua martirização como defesa contra o escalpelamento, foi a sua assinatura? Será que foi isso que o transformou numa pessoa arredia e fugidia que sente dor por qualquer contato? Essas indagações me reportaram ao filme *Agonia e êxtase* (Reed, 1965), em que Michelangelo sofre constantes pressões do Papa para finalizar a obra da Capela Sistina. Será que ele imprimiu sua face na pele exposta em “carne viva” como uma forma de protesto? Sua resposta constante à pergunta repetitiva do Papa de quando ele iria acabar a obra era “acabarei quando estiver acabado” – isso sugere que ele estaria “acabado” quando a concluísse? Assim, avento a possibilidade de que a forma de expressão encontrada por Pietro, de estar sempre de cara braba e birrenta, poderia ser a sua forma de protesto, a sua assinatura!

Figura 1 – Panorama e detalhe de “O Juízo Final” [1536-1541], de Michelangelo (Capela Sistina)



Fonte: “Capela Sistina”, Wikipédia.^[3]

Michelangelo, com toda a sua genialidade (segundo a leitura do filme), não queria pintar a Capela Sistina. Ele era reconhecidamente um escultor. Resistiu o que pôde às exigências do Papa. Quando terminou todo o teto e se viu liberto da função, recebeu mais ordens para fazer o altar. É aí que se situa “O Juízo Final”, com a redenção dos santos martirizados mencionada por Pietro. Então, poderíamos cogitar que Michelangelo, sentindo que o Papa estava querendo o seu “couro”, teria se identificado com São Bartolomeu e firmado isso ao deixar assinada a sua vivência. Considero que Pietro assina, de forma similar, ao firmar seu flagelo de uma vida “sem mãe”, sem o primeiro acolhimento, com uma vida de exigências, com precárias condições de existir.

A relação entre experiência estética e mundo interior se revela pelo que Dostoiévski (1869/2021), em seu livro *O idiota*, questiona: “A beleza salvará o mundo?” (p. 272). E responde respeitando a conjunção em que se escrutina que a beleza não serve para nada, que ela não se sustenta sozinha; o belo vale por si mesmo, pois nos move, nos toca pela harmonia das formas interiores na busca pelo bom.

A experiência vivida com Pietro, de associar através de imagens visuais, me reporta a Bion (1992/2000), que considera que a capacidade de produzir imagens visuais é um dos fatores da função alfa. Acrescenta que esse é um importante fator de armazenamento por ser um tipo de notação que, juntamente com o fato selecionado, é necessário para iniciar o interjogo entre a posição esquizoparanoide e a depressiva. Penso que Pietro começa a ser capaz, através de imagens visuais, de formar algumas representações ou ideias do tipo “me ajuda a olhar?” (como apontado na epígrafe deste trabalho). “Ao invés de aplicar *insights* psicanalíticos à estética, esta é mostrada

3. Recuperado de <https://bit.ly/3malmMv>

como iluminando as primeiras experiências infantis ampliando a teoria psicanalítica” (Likierman, 1989/1994, p. 280). E o conhecimento estético agrega em importância a nossa capacidade de formar vida de fantasia com símbolos.

É impossível saber como poderíamos formar símbolos de fantasia na ausência de um conhecimento sensorial... E o conhecimento estético não é a causa da formação de símbolos, é o meio que a torna possível provendo a mente com a matéria-prima de moldes e formas com as quais cria representações mentais. (Likierman, 1989/1994, p. 283)

A dinâmica dos elementos beta e alfa, que evoluem, acompanha esse movimento. Separam-se, convergem, divergem e assim por diante, onde impressões sensoriais cruas, “alma dos pensamentos”, permitem aproximação dos conteúdos não representados. Desse modo, poderemos dizer, como Klee (citado por Ronnberg, 2012), que “a arte não reproduz o visível, torna-o visível” (p. 6).

A experiência estética é originalmente registrada no início da vida com experiências “boas” que não têm limites conceituais ou temporais nem juízo de valor. Suas características estéticas representam tanto sua independência quanto sua unicidade e têm como marca sua particular identidade individual de “infinidade sublime” (Likierman, 1989/1994, p. 279), “precursora primitiva de todas as nossas vivências posteriores de beleza” (p. 281), favorecedora da digestão mental de angústias “vivas” e não contidas.

Sobre el significado clínico de la experiencia estética:

¿la belleza puede ser algo que ayude?

Resumen: En el presente artículo la autora propone que la experiencia estética, al principio siendo vivida por los sentidos como algo “sublime” en el encuentro con la madre ambiente, cuando es internalizada “no se trata del resultado del crecimiento psíquico aunque pueda ser una precondition” (Likierman, 1989/1994, p. 280). Sin embargo, esta experiencia promueve posibles (re)encuentros de la vida, pudiendo provocar también la digestión mental de las angustias vividas y en las que no hubo contención. Desde el punto de vista psicoanalítico en esta largada de la vida ella es inicialmente capturada por lo sensorial que contiene en sí la dimensión psíquica de la experiencia estética como siendo la materia prima de la mente – “el alma de los pensamientos”.

Palabras clave: experiencia estética, alma de los pensamientos, materia prima de la mente

On the clinical meaning of the aesthetic experience: could beauty help?

Abstract: The author proposes that the aesthetic experience initially lived by the senses as “sublime” in the encounter with the environment mother, when

internalized, “is not a result of psychic growth, even though it may be one of its preconditions” (Likierman, 1989/1994, p. 280). However, if possible, this experience promotes (re)encounters throughout life, being capable of giving rise to the mental digestion of lived and not contained anguishes. From a psychoanalytic point of view, it is in this turning point of life that it is initially apprehended by the sensorial, which contains in itself the psychic dimension of this aesthetic experience as the mind’s raw material – “the soul of thoughts”.

Keywords: aesthetic experience, the soul of thoughts, the mind’s raw material

Referências

- Bick, E. (1986). Further considerations on the function of the skin in early object relations. *British Journal of Psychotherapy*, 2(4), 292-299. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.1986.tb01344.x>
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler & P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bollas, C. (2015). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* (F. Marques, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
- Dostoiévski, F. (2021). *O idiota* (J. G. Vieira, Trad.). Sétimo Selo. (Trabalho original publicado em 1869)
- Galeano, E. (2021). A função da arte/1. In *O livro dos abraços* (E. Nepomuceno, Trad.; 15a ed., p. 15). L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1989)
- Junqueira, L. C. U., Filho. (2014). Níveis clínicos de captação da organização emocional: lógico, psico-lógico e meta-psico-lógico. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 21-34.
- Likierman, M. (1994). Significado clínico da experiência estética (J. Widman, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(2), 279-307. (Trabalho original publicado em 1989)
- Ogden, T. H. (2020). Rumo a uma forma revisada de pensamento e prática psicanalíticas: a evolução da teoria analítica da mente (F. Sofio, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 23-46.
- Reed, C. (Diretor). (1965). *The agony and the ecstasy* [Filme]. 20th Century Studios; International Classics.
- Ronnberg, A. (2012). Prefácio. In The Archive for Research in Archetypal Symbolism, *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas* (K. Martin, Ed.; pp. 6-7). Taschen.
- Tustin, F. (1984). Nascimento psicológico e catástrofe psicológica. In *Estados autísticos em crianças* (J. M. Xisto, Trad.; pp. 107-128). Imago. (Trabalho original publicado em 1981)

Cleuza Mara Lourenço Perrini

Endereço: Rua da Paz, 195/211. Curitiba/PR.
 CEP: 80060-160
 Tel.: (41) 99994-0902
 E-mail: cleuzaperrini@gmail.com